



SÉRGIO BRITO

**POR RICARDO JACOMASSI,**

ECONOMISTA-CHEFE DA HEGEMONY  
PROJEÇÕES ECONÔMICAS

✉: RICARDO.JACOMASSI@HEGEMONY.COM.BR

## A ALTA DO DÓLAR

Quem poderia pensar, alguns meses atrás, que o valor do dólar passaria de R\$ 2,00? A convicção sobre o controle dessa taxa cambial pairava sobremaneira em mesas de bancos, corretoras e pessoas comuns. “Viva! O real é uma das poucas moedas fortes no mundo!”, diziam.

O que se via eram importadores felizes (exportadores nem tanto), consumidores com maior poder de compra e turista brasileiro invadindo Miami para compras! Essas atitudes e resultados reforçavam ainda mais a sensação de fortaleza do real perante o dólar.

Acontece que o mundo real é como a economia real: enquanto uns perdem, outros ganham. No caso brasileiro, o setor que mais perdeu com o real forte foi a indústria de transformação, devido às suas condições de competitividade atreladas ao famigerado “custo Brasil”. Nessa relação, os ganhadores foram os consumidores e o governo: no caso dos consumidores, a vitória deveu-se ao aumento de seu poder de compra; no do governo, os ganhos foram devido ao crescimento da arrecadação com os impostos das vendas aos consumidores. As leis da natureza, porém, comprovam que nada é eterno – e a realidade mostrou ao Brasil que o “faz de conta do dólar barato” tinha prazo de validade.

Os economistas mais atentos tinham essa percepção, mas faltava darem as mãos à palmatória para admitir que o futuro chegaria colocando as coisas em seus devidos lugares. Pode ser útil analisar a seguir alguns dos sinais do mercado financeiro.

**Primeiro** – o crescimento chinês em torno de 10% ao ano parecia ser dádiva eterna, mas acabou definhando para próximo dos 7,0% em 2012, o que provocou perplexidade nos mercados financeiros. Como o Brasil está colado com o país mandarim, qualquer sinal negativo é refletido imediatamente no câmbio. E foi isso que aconteceu.

**Segundo** – a economia norte-americana surpreendentemente saiu do campo da estagnação e voltou a crescer. Os estímulos monetários baseados na injeção de dólar no mercado doméstico estimulou o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e, com isso, o mercado entende que o governo reduzirá parte dos estímulos. Uma política menos elástica atrai os dólares aplicados em outras economias, inclusive a do Brasil, pressionando a alta do dólar no mundo inteiro.

**Terceiro** – o saldo negativo de US\$ 5,392 bilhões de janeiro a maio de 2013 na balança comercial ante um superávit de US\$ 6,261 bilhões em igual período do ano passado causou espanto no mercado brasileiro, colocando em xeque a sustentabilidade das contas externas. O mercado indica que o governo precisará fazer captações de recursos cada vez mais robustas no mercado externo, além de facilitar a entrada de capitais especulativos (a redução do IOF para zero em aplicações de renda fixa e variável é o principal sinal).

Esses três pontos analisados explicam uma grande parcela da tendência de alta da moeda norte-americana. Além disso, distante da taxa de R\$ 1,53 por dólar negociada em 26 de julho de 2011, previsões de alguns economistas mostram o dólar na faixa de R\$ 2,20 a R\$ 2,30. É bom, portanto, nos acostumarmos com mais volatilidade do câmbio e com as elevações dos preços de bens importados.

Ainda pouco conclusivo, outro importante elemento na conta do câmbio é o horizonte eleitoral. Pensando em sua reeleição, a presidente Dilma Roussef pode utilizar instrumentos criativos de política econômica para segurar a paridade com o real, mas, com a desconfiança explícita dos mercados surgindo, o remédio poderá ter efeito contrário e, mesmo com a atuação do Banco Central, um dólar abaixo de R\$ 2,00 é coisa do passado. ■